

A PRÁTICA DE ENSINO NUMA PERSPECTIVA DA IMAGEM

Anderson Tibau

Mestre em Educação Brasileira pela PUC/RJ
Professor da UERJ/FFP/SG e da UNESA

Este texto objetiva revelar parte da experiência de trabalho com a disciplina Prática de Ensino I nas turmas de licenciatura da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, FFP-SG, durante o primeiro semestre de 2001.

Trata-se do relato parcial de uma experiência de trabalho onde a ótica é a da possibilidade de que autores e textos possam representar uma “ponte” entre a Educação e a Antropologia. Para tanto, foi articulada uma discussão sobre a utilização da imagem na construção de uma narrativa etnográfica da escola e do seu cotidiano.

Na intenção de pensar a Prática de Ensino numa lógica diferente das práticas de estágio comumente adotadas, foi proposto aos alunos, divididos por turmas e temáticas específicas, flagrar em imagens situações do cotidiano escolar numa pesquisa tendendo ao cunho etnográfico. De outra forma, foram convidados a “olhar” para a escola de maneira mais investigativa, curiosa e inconformada com a naturalização dos e nos fenômenos educacionais.

A apresentação deste relato, volto a dizer, será parcial uma vez que até o momento da escrita do texto para este Colóquio a experiência ainda não havia chegado ao final. Trata-se este trabalho da possibilidade de compartilhar com a comunidade acadêmica os esforços empreendidos para uma Prática de Ensino que possa estar comprometida com a permanente inquietação que deve ser característica de um professor que se pretenda pesquisador. Assim, uma Prática de Ensino, desejosa de ultrapassar o caráter abúlico do Estágio Supervisionado.

A proposta ou “um convite a olhar”

A partir de experiências relacionadas à Prática de Ensino em vários momentos da minha trajetória pessoal e profissional, resolvo investir na construção de uma prática para a Prática. Enquanto aluno do curso de formação de professores em nível médio e de graduação em pedagogia, a Prática de Ensino foi tratada por Estágio Supervisionado e as referências para esta disciplina sempre estiveram associadas a um certo ofício do estagiário. De outro modo, “observar umas aulas”, “sentar no fundo da sala para não atrapalhar”, “corrigir alguns cadernos(na escola) e trabalhos(na faculdade)”, “solicitar a assinatura do professor na folha de presença”, “levantar dados provenientes do relatório”, “cumprir uma carga-horária”, “simular uma aula prática”, “montar a pasta”.

Na função de professor no Ensino Superior tive o primeiro contato com a Prática de Ensino na Universidade Severino Sombra de Vassouras. Naquela ocasião, trabalhando com a formação de professores em nível de especialização, revivi o mesmo procedimento de Prática nos moldes do ofício já mencionado - o que não me satisfez no sentido da construção de uma disciplina mais interativa com a realidade escolar cotidiana. Outra experiência com a disciplina surge na Faculdade de Formação de Professores da UERJ no primeiro semestre de 2001. Especificamente será sobre este último trabalho que estarei dedicando toda a atenção daqui por diante.

Ao assinar o contrato para a disciplina Prática de Ensino com as turmas de licenciatura em História, Geografia, Letras e Matemática, tomei conhecimento de uma ementa que, tanto pela bibliografia, quanto pelos objetivos e metodologia, sinalizava para um trabalho semelhante àquele realizado noutro momento e que já havia experimentado enquanto aluno. Seria possível imaginar outra forma de lidar com esta disciplina que não fosse pela mesma trajetória seguida até agora? A busca da solução para esse pequeno e particular dilema em torno das minhas possibilidades futuras de trabalho ali naquela faculdade e com aquelas turmas desencadeou um modo de repensar e, assim,

caminhar na direção da mudança dos rumos teóricos para a ementa que eu teria que apresentar ao Departamento de Educação.

Bastante inspirado pela recente conclusão do mestrado, onde defendi a dissertação intitulada “Quem é quem - Os sujeitos escolares e o jeitinho brasileiro de ser cidadão”, logo tendo investido em leituras que se concentravam teoricamente na Educação e na Antropologia, percebi que o intercâmbio entre esses dois campos de conhecimento proporcionaria interessante diálogo acerca dos problemas vividos diariamente em escola, relacionados à diversidade dos seus sujeitos. Seguindo esta linha concordo com Dauster(1996;08):

O problema que se coloca ao professor é pensar o aluno dotado de uma identidade construída histórica e socialmente. Daí a importância não só de trazer o seu cotidiano para dentro da escola, mas também a História e o desafio de conhecer e respeitar a diferença cultural e a heterogeneidade das experiências sociais.

A alternativa encontrada de percorrer os objetivos para os quais estaria dirigida a Prática de Ensino, focalizando essa forma de pensar o aluno dotado de uma identidade, foi a de adscrever na formação do professor uma vivência em escola que lhe permitisse ultrapassar suas próprias convicções a partir de uma experiência etnográfica, em outras palavras, uma experiência no campo. Ao fazer uma aproximação entre o ofício do antropólogo e o que seria proposto aos alunos da licenciatura, busquei em Dauster (1996;04) uma via possível:

Ao definir o que é Antropologia, Lévi-Strauss explica que ela emerge de uma forma específica de colocar problemas, a partir do estudo das chamadas sociedades simples, tendo no seu desenvolvimento, voltado-se para a investigação das sociedades complexas, com o sentido de entender a cultura e a vida social. Uma das vias para a construção deste conhecimento é a etnografia concebida como descrição, observação, trabalho de campo a partir de uma experiência pessoal. (...) Construindo um conhecimento fundado na experiência etnográfica, na percepção do “outro” do ângulo das suas razões positivas e não da sua privação, buscando o sentido emergente das relações entre os sujeitos, ele estaria transpondo as suas próprias referências como aquelas do contexto observado.

Ao incluir na Prática, temas comumente relacionados às discussões da antropologia - a construção da narrativa a partir da imagem fotográfica, por exemplo - pretendi inserir os “futuros professores” no ambiente escolar pela perspectiva do “olhar antropológico” utilizando o artifício da fotografia como o modo de investigar e relatar o campo.

O primeiro contato com cada turma teve a intenção de explicitar as propostas de conteúdo, metodologia e avaliação. Foi esclarecido que a atividade prática deles deixaria de ser um “estágio supervisionado” no sentido de buscarem uma escola que os aceitassem para cumprirem o ofício do estagiário. Deste modo, convidei-os a participar da experiência de uma Prática de Ensino à luz das contribuições antropológicas. Foram propostos temas que permitiriam abordar situações do cotidiano escolar, levantando “problemas” que conotassem uma pesquisa de campo de cunho etnográfico.

As turmas foram divididas pelas temáticas “A escola e seu em torno”, “As técnicas corporais no ato de estudar”, “Os conjuntos sociais”, “O espaço físico e social dos prédios escolares”; e finalmente, “Como se caracterizam ou categorizam os jovens na escola - as tribos juvenis”. Estando definidos os temas para as pesquisas, irrompe um processo de elaboração das “propostas de pesquisa”, o que significou um movimento permanente em vias da construção de problemas que fossem relevantes aos alunos e às discussões sobre o cotidiano escolar implementadas pelos textos selecionados para a disciplina. Este processo foi reconhecido por mim e

pelos alunos como o momento onde estivemos perseguindo o melhor ângulo. Foi através das discussões em sala de aula e das reuniões, onde eu orientava cada grupo individualmente, que pudemos concluir as propostas de pesquisa que funcionariam como base para o trabalho no campo.

O problema: ou “procurando o ângulo”

Na elaboração das “propostas de pesquisa” os grupos iniciaram um exercício de problematização investigativa sobre a escola a partir da sua desnaturalização teórica. Este movimento foi possível à medida que os textos serviram como propulsores ao trabalho e as perguntas iniciais foram construídas inspiradamente pelas questões antropológicas. Da mesma forma que os “problemas” surgiram de um contexto de estudos e leituras que tratavam da Antropologia associada à Educação, a metodologia para a realização das pesquisas apontou para os horizontes antropológicos de um trabalho de cunho etnográfico. A orientação passou a ser a de que era necessário “estranhar tudo que lhes parecesse familiar”, buscando as possíveis relações. Sobre a utilização dos recursos etnográficos, temos em Gonçalves(2001;24):

A escolha da etnografia deu-se a partir da opção de enfrentar o problema à luz do “olhar antropológico” em função desse “estranhamento” necessário para o percurso da investigação. Foi também uma estratégia para tentar ultrapassar possíveis estereótipos(...).

Além da utilização dos recursos etnográficos em vias da realização de uma prática etnográfica, esta opção metodológica sustenta-se na idéia de que através dela é possível encontrar o suporte para o esforço interpretativo de investigação do cotidiano escolar. Geertz(1989;15) ensina:

(...) é justamente ao compreender o que é etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento. Devemos frisar, no entanto, que essa não é uma questão de métodos. Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”, tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle. (Grifos do autor)

Outra tônica do trabalho consistiu em inserir a fotografia como mais um recurso para a pesquisa. Esta alternativa foi possível através da intenção de construir narrativas a partir da imagem.

O que significa inserir a fotografia na pesquisa antropológica e a reboque, inserir a fotografia na pesquisa educacional? Para responder a essas duas indagações e justificar todo o esforço em redizer a Prática de Ensino nos termos de uma “ponte” entre vários campos de conhecimento, em última análise, um esforço de oxigenar as águas turvas de uma Prática ensimesmada em procedimentos de estágio, concordo com Scherer(1996;72):

A fotografia etnográfica pode ser definida como o uso da fotografia para o registro e a compreensão da(s) cultura(s), tanto do objeto quanto do fotógrafo. O que torna uma fotografia etnográfica não é necessariamente o propósito da sua produção, mas como é usada para informar etnograficamente.

Com relação à construção de uma narrativa a partir da imagem fotográfica é importante assinalar que não se trata de substituir o texto escrito pelo texto imagético. Ao contrário, esta

narrativa deve representar o trabalho intelectual despendido na interpretação das imagens e que sejam relacionalmente complementares aos textos etnográficos. Em suma, um texto deve ser bem escrito, claro e esclarecedor, assim como deve ser uma fotografia narrativa. A partir de Achutti (1997;66):

Para escrever um texto é preciso não só ter clareza quanto ao que se quer dizer, mas também deve-se saber construí-lo de forma clara, condição de um bom domínio das técnicas do texto etnográfico. Com a fotografia ocorre a mesma coisa. Como bem assinalou Guran(1994), o se quer das fotografias, sejam elas jornalísticas ou antropológicas, é que sejam eficazes, que sejam imagens que “tenham o máximo de eficácia quanto à transmissão da informação”(Guran,1994:99). (Grifos do autor)

Outra orientação importante e básica antecedente ao trabalho empírico dos grupos foi a de alertar-lhes de que os registros do campo não deveriam se resumir a uma coleta dos fenômenos, ou dos acontecimentos, ou dos comportamentos, sem que já não os fossem feitos pelo crivo de uma interpretação. Seria buscar o que de relacional haveria entre as cenas e as hipóteses. Segundo Malinowski(1954):

(...) há uma forma de interpretação dos fatos sem a qual não se pode desenvolver nenhuma observação científica - refiro-me à interpretação que descobre as leis gerais na infinita diversidade dos fatos; que distingue o essencial do irrelevante, que classifica e ordena os fenômenos, relacionando-os mutuamente.

Encerradas todas as discussões preliminares à inserção no campo, depois de todas as possíveis orientações para a construção de uma proposta de projeto que suportasse a realização da própria experiência empírica dos grupos, havia chegado o momento de buscar na realidade cotidiana escolar as respostas para os problemas de pesquisa. Os grupos foram para as escolas orientados a desnaturalizar o cotidiano e as cenas observadas, cumprindo uma trajetória angular traçada pela perspectiva confluyente do olhar antropológico com a realidade educacional.

As etapas seguintes a esta, da procura do melhor ângulo, ou seja, esta fase onde os grupos elaboraram os problemas a serem perseguidos no trabalho de campo, são as que tratam do processo e dos resultados, respectivamente, “ajustando o foco” e “revelando o filme”. Por ocasião dos prazos para entrega dos trabalhos para este Colóquio, não foi possível trazer o texto em sua completude, no sentido de apresentar as etapas relacionadas ao campo e às apresentações dos trabalhos que surgiram da experiência com a Prática. Desde já, acredito que esta metade do caminho a qual dediquei as páginas deste texto, nos serve de material para discussões que pretendo compartilhar com os colegas pesquisadores, e que aqui neste caso específico do contexto do meu trabalho, estão dirigidas à busca de uma prática para a Prática. Em última e provisória análise, adscrever a Prática de Ensino numa perspectiva da imagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson(1997). Fotoetnografia - um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho, Porto Alegre: Tomos Editorial.
- DAUSTER, Tania(1996). Construindo pontes - a prática etnográfica no campo da educação, In: DAYRELL, J. Múltiplos olhares sobre educação e cultura, Belo Horizonte: Editora UFMG.
- DAUSTER, Tania(1996). Um outro olhar - entre a antropologia e a educação, Rio de Janeiro: Departamento de Educação, PUC-RIO, n.º 23.

- MALINOWSKI, Bronislaw(1954). A coleta e a interpretação dos dados empíricos, In: DURHAM, Eunice Ribeiro(1986). Malinowski - antropologia, São Paulo: Ática
- GEERTZ, Clifford(1989). A interpretação das culturas, Rio de Janeiro: Zahar.
- GONÇALVES, Anderson Xavier Tibau(2001). Quem é quem - os sujeitos escolares e o jeitinho brasileiro de ser cidadão, Rio de Janeiro, 93p. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- SCHERER, Joanna(1996). Documento fotográfico: fotografias como dado primário na pesquisa antropológica, In: Cadernos de Antropologia e Imagem - construção e análise de imagens, n.º 3, Ano 2.